

RELATO SOBRE O PERÍODO DE QUARENTENA

Por: Otávio Schimieguel, em 13/07/2020.

Sou professor efetivo (40h) da rede estadual de ensino do Paraná, na disciplina de Língua Portuguesa, atuando desde 1990 em nível fundamental e médio, no município de Colombo-PR, cidade com aproximadamente 250 mil habitantes, na região metropolitana de Curitiba. Atualmente, leciono para três turmas de 8º ano (duas no período da manhã e uma à tarde) e quatro turmas de 3º ano do ensino médio (duas de manhã e duas à noite), para aproximadamente 200 alunos.

A notícia da chegada do Coronavírus ao Brasil começou a ter repercussão na escola em meados de março, culminando com a interrupção das aulas a partir do dia 20 do mesmo mês. Em anos anteriores, as aulas já haviam sido interrompidas várias vezes em decorrência dos embates entre a categoria e o governo em defesa da manutenção de direitos. Quando foi confirmada a necessidade de interrupção das aulas, o primeiro sentimento que veio à mente foi o de que, mais uma vez, teríamos um ano difícil e novamente teríamos que passar sábados e períodos de férias repondo aulas. Acredito que, para quem está “em final de carreira” como eu, isso possa ter um peso maior. Então passei a torcer para que a tal pandemia passasse rápido e tudo pudesse voltar à normalidade para evitar o desgaste das “reposições de aula” e os inevitáveis prejuízos pedagógicos.

Mas aos poucos as notícias foram dando conta de que a pandemia não estava com pressa de ir embora e a perspectiva de retorno foi ficando cada vez mais distante.

Num primeiro momento, como não havia qualquer estratégia prevista, a sensação foi de que teríamos um momento, ainda que breve, de relaxamento, pois, afinal, já havia se passado um mês e meio de aulas e os sinais de cansaço e esgotamento do trabalho em sala de aula já começavam a aparecer. Uma pausa, naquele momento, seria até oportuna. E, de fato, foi. Tivemos um período de duas semanas sem os tais “compromissos escolares”, porém, como já era temido, esse “suposto” período de relaxamento foi logo convertido em período de férias escolares, antecipando o recesso de julho. Portanto, estávamos todos em férias, mas, ao mesmo tempo, em “prisão domiciliar”.

Passado esse período, fomos informados de que a partir do dia 06 de abril, teria início o ensino a distância, com aulas produzidas pela Seed e transmitidas por canais de TV aberta e por outros meios digitais com o aplicativo Aula Paraná e o canal Youtube. Além disso, seria criado um ambiente virtual de aprendizagem na plataforma do Google Classroom. Nesse momento, iniciou-se um momento de tensão na categoria em função de algumas inquietações decorrentes da mudança: Como poderíamos trabalhar com uma ferramenta que era desconhecida da maioria dos docentes? Teríamos que produzir aulas online e nos tornar “professores youtubers” da noite para o dia? Como ficariam os alunos que não dispusessem dos meios tecnológicos ou não soubessem lidar com eles? Como seria possível esclarecer dúvidas de maior complexidade ou verificar a efetividade da aprendizagem nesse novo contexto?

Eu, particularmente, apesar de ter ficado um tanto apreensivo, encarei a situação como um novo desafio, mas vi (em postagens nas redes sociais) muitos professores relatando estar em pânico e até mesmo adoecendo por conta da necessidade de se adaptar ao novo contexto de EaD. Tivemos que ir aprendendo “aos trancos e barrancos” a utilizar as ferramentas tecnológicas, sem cursos de formação ou planejamento prévio, apenas assistindo tutoriais e trocando informações com colegas. Alunos e pais/mães de alunos também demonstraram muita preocupação em relação aos desdobramentos do ano letivo nesse cenário de indefinições. A insegurança em relação ao futuro e a necessidade de criar uma nova rotina elevaram o nível de ansiedade de toda a comunidade escolar. Além, é claro, do medo de contrair a Covid-19.

Nesse contexto, a maioria dos professores acabou “aderindo” ao sistema EaD. Obviamente que essa adesão não foi para manifestar apoio político ao governo ou por acreditar na eficácia do ensino a distância. Na verdade, aparentemente, não havia outra alternativa que pudesse dar conta da situação. A “normalidade” desapareceu do horizonte de curto prazo. Então, entre não oferecer nada e oferecer alguma coisa, ainda que precária ou imperfeita, parece que a maioria entendeu que deveria engajar-se nessa tentativa de minimizar os efeitos da pandemia por meio do ensino a distância e da disponibilização de material impresso para aqueles que não tivessem acesso aos meios digitais. Essa adesão pareceu-me, portanto, um meio termo entre o ideal e o possível, num contexto de pandemia.

Surgiram, então, muitas críticas e objeções à implantação do ensino a distância pelo fato de não estarmos preparados para utilizar a tecnologia e pela improvisação na forma de implementação, o que faz bastante sentido. Por outro lado, em se tratando de uma situação não prevista, como poderíamos estar “preparados” ou ter “planejado” uma solução totalmente eficaz. A imperfeição e a improvisação fazem parte de qualquer situação imprevista. É como colocar lonas no telhado danificado após uma tempestade quando não é possível repor as telhas imediatamente, na tentativa de salvar aquilo que restou. Mas é evidente que toda essa situação gerou muito desconforto e inquietação, porque exigiu uma mudança de rotina e uma “aprendizagem forçada” da utilização dos meios digitais. Muitos de nós, professores em final de carreira, não tínhamos a intenção de nos tornarmos “professores da era digital” sem optarmos livremente por isso, mas, querendo ou não, essa circunstância chegou antes da aposentadoria.

E a questão pedagógica, nesse novo contexto, como ficou?

A experiência do ensino a distância trouxe à tona alguns problemas pedagógicos que já existiam no ensino presencial e que se tornaram mais evidentes ou explícitos nessa nova modalidade. Um desses problemas é “como garantir a efetividade da aprendizagem” e “evitar que o aluno/estudante negligencie o processo” apenas “fazendo de conta que está aprendendo”?

No ensino presencial, já era bastante comum alunos copiarem respostas de colegas, colarem nas provas, entregarem trabalhos “clonados” e deixarem de fazer aquilo que seria necessário para sua aprendizagem. No EaD essa possibilidade foi potencializada, uma vez que o compartilhamento de informações se tornou muito mais fácil, seja por e-mail ou whats app. Além disso, os alunos passaram a recorrer ao Brainly, um site colaborativo no qual são disponibilizadas (por “colaboradores”) as respostas para qualquer questão que o professor proponha. Ainda que se trate de questões inéditas, em pouco tempo elas estarão respondidas e disponíveis para qualquer pessoa que tenha acesso à internet (embora não necessariamente corretas).

É óbvio que o professor pode verificar se as questões foram copiadas, mas é preciso levar em conta que o professor teria que checar centenas ou milhares de respostas. E ainda assim, lhe faltariam parâmetros para atribuir notas diferenciadas a respostas parafraseadas. De modo que a maioria das atividades de pesquisa ou perguntas e respostas tornaram-se, para muitos alunos, uma simples questão de “copiar e colar”. Pelo menos nos moldes em que estamos trabalhando, tendo como referência as diretrizes curriculares atuais e a Base Nacional Comum. A fragilidade do sistema, nesse aspecto, ficou “escancarada”. Centenas de respostas idênticas nas atividades online. Na sala de aula, a presença do professor inibia um pouco esse tipo de comportamento, já no meio digital, esvaiu-se essa possibilidade de “controle”.

Talvez, uma possibilidade de minimizar esse problema seria não atribuir nota pela simples realização de atividades e cobrar os conteúdos abordados por meio de provas, de modo que a motivação para realizar exercícios, tarefas e trabalhos seria a necessidade de “saber”, ainda que, apenas para comprovar que sabe. Mas isso significaria um retorno à “pedagogia do exame”, bastante criticada em décadas passadas. E, no caso do EaD, não garantiria a lisura do processo, uma vez que não há como saber quem está por trás da tela do celular ou do computador.

Outra possibilidade seria uma mudança metodológica, talvez, na direção das chamadas “metodologias ativas”, que pressupõem o protagonismo dos estudantes e o envolvimento “ativo” na aquisição ou construção do saber. Mas essas metodologias, que incluem chamada “aula invertida” e a “aprendizagem por resolução de problemas”, embora incluam o uso da tecnologia, estão mais direcionadas a atividades presenciais e grupais, o que se torna um complicador nas aulas a distância. De qualquer forma, o cenário da pandemia pode favorecer a busca de soluções nessa direção.

Ainda na perspectiva pedagógica, surgiram, durante esse período de quarentena, alguns elementos importantes. Muitos pais/mães de alunos parecem ter tomado consciência da importância do trabalho do professor e passaram a perceber o quão difícil é realizar esse trabalho no número de crianças/adolescentes que temos em sala de aula. Vários alunos nas redes sociais deram conta de que muitos pais pouco conviviam com seus filhos e acreditavam que os professores eram impicantes e não tinham paciência com seus filhos. Quando esses pais passaram a conviver com os filhos em tempo integral e se viram obrigados a fazê-los acompanhar as aulas pela TV ou internet e cobrar a realização das tarefas, perceberam que seus filhos nem sempre se dispõem a fazer o que é proposto pelos professores.

Muitos vídeos e depoimentos circularam nas redes sociais com relatos de pais e mães manifestando seu estado de impaciência ou mesmo desespero com a nova missão imposta pela pandemia. E houve até quem decidisse pela “desistência” do período letivo, preferindo que o/a filho/a repita a série no ano seguinte, seja para não assumir a responsabilidade de acompanhamento pedagógico, seja para evitar o desperdício de energia com um processo que supostamente não possibilitaria um nível de aprendizagem satisfatório.

Por outro lado, acredito que muitos alunos (com maior curiosidade intelectual) tenham descoberto um universo de possibilidades de aprendizagem (por meio de aulas virtuais e pesquisas na internet), sem a necessidade de professores ou de aulas presenciais. E é possível até que isso tenha um reflexo no retorno às aulas presenciais, no sentido de considerarmos mais importante o papel do professor em sala de aula, o que, em certa medida, já vinha acontecendo antes da quarentena. Ultimamente, muitos alunos não prestavam atenção às explicações do professor porque já haviam descoberto que há aulas disponíveis na internet sobre qualquer assunto abordado em sala de aula.

Da mesma forma, muitos alunos já não faziam mais registros de conteúdos no caderno, ou porque preferiam tirar fotos do quadro (e é bastante difícil impedir que isso aconteça), ou porque tinham consciência de que encontrariam “tudo” na internet. Então, o tempo que dedicariam a ouvir o professor ou anotar conteúdos no caderno, passaram a dedicá-lo à conversa com colegas ou ao uso indevido do celular, para fins alheios aos conteúdos da aula, como jogar ou ficar conectado às redes sociais. Nesse contexto, para muitos estudantes, a sala de aula passa a ter maior importância como espaço de interação social ou de descontração do que como espaço de aprendizagem propriamente dito.

Outra situação que eu e outros colegas professores temos observado nesse período é que o volume de trabalho burocrático aumentou consideravelmente com o EaD. Isto porque, o volume de conteúdos e atividades encaminhadas aos alunos através dos meios digitais é muito maior do que aquele despendido nas aulas presenciais. Uma vídeoaula de 50 minutos, sem as interferências que ocorrem costumeiramente em sala de aula, pode equivaler a até quatro aulas presenciais. Obviamente, isso não significa que a aprendizagem por meio de uma vídeoaula seja quatro vezes maior, mas o fato é que esse tipo de aula é muito mais denso que as aulas presenciais, em que as coisas acontecem num ritmo mais lento, não só pela quantidade de “ruídos” e interrupções que ocorrem no contexto presencial, como também pelo tempo de realização das atividades que, em sala de aula, como regra geral, acompanham o ritmo de cada turma, levando em conta, sobretudo, os alunos de maior feedback de aprendizagem. Além do que, no ensino presencial, o esclarecimento de dúvidas e os questionamentos são feitos de uma só vez para toda a classe, enquanto no meio virtual muitas dúvidas e questionamentos precisam ser respondidos individualmente, o que toma muito mais tempo.

Isso parece evidenciar que a realidade do ensino a distância, ao contrário do que muitos imaginam, exige um tempo maior para preparação e acompanhamento pedagógico. Nesse sentido, seria necessário reduzir o número de turmas por professor, de modo que ele pudesse dispor de mais tempo para produção didático-pedagógica, acompanhamento, avaliação e interação com os alunos. Ou seja, não se pode pensar o EaD a partir dos mesmos parâmetros do ensino presencial.

Outro aspecto não menos importante é que a aprendizagem a distância exige, por parte do aluno, muito mais disciplina, autonomia e capacidade de organização do tempo, o que não é algo muito comum em crianças e adolescentes em fase escolar. Portanto, não creio que tal modalidade de ensino possa ser considerada viável em tempos não excepcionais como esse que estamos atravessando.

Aliás, uma das grandes dificuldades para a maioria dos alunos é o fato de não disporem de internet com boa performance ou de aparelhos compatíveis com as necessidades pedagógicas. O celular pode até ser suficiente para interação nas redes sociais ou outras atividades cotidianas, mas para fins pedagógicos nem sempre corresponde às necessidades. Basta ver a diferença entre a dimensão da tela do celular e a do quadro de giz ou da lousa digital, que permitem demonstrações e visualizações muito mais amplas. A digitação de texto no teclado de um celular também é algo muito desconfortável se comparado a um teclado de computador ou notebook. Imagino que muitas dificuldades enfrentadas pelos alunos tenham a ver com esses aspectos que, para grande parte deles, está longe das condições ideais.

Por outro lado, o uso das ferramentas digitais tem demonstrado que uma parte das atividades desenvolvidas em sala de aula poderia perfeitamente ser realizada no ambiente doméstico, o que leva a crer que a escola só se manterá integralmente presencial se for para atender a demanda do cuidado, papel este cumprido pelas “creches” ou “centros de educação infantil” e também pela escola regular, ainda que parcialmente. Não por acaso, sempre que se cogita uma flexibilização de horários ou calendários escolares, o primeiro contra-argumento que surge é “onde e com quem as crianças ficarão para que os pais possam trabalhar?”.

Em relação à participação dos alunos nas atividades online, verifiquei que há uma participação mais efetiva nas turmas do período da manhã, com mais de 90 % dos alunos realizando as tarefas. Já no período da tarde e da noite a participação é menor, ficando entre 60 e 80 %. Mas é muito difícil saber até que ponto os alunos estão realmente assistindo a todas as aulas e realizando exercícios propostos durante as vídeoaulas ou se estão apenas respondendo os exercícios para validação da frequência ou mesmo reproduzindo as respostas obtidas nos grupos de whats app ou em sites colaborativos.

Em uma tentativa de interagir com meus alunos por meio de uma live, a adesão foi muito pequena e não consegui identificar as razões. Percebi também que muitos alunos não leem os avisos postados diariamente no Mural do ambiente virtual e não conseguem se localizar em relação a atividades pendentes. Pensei em gravar vídeos explicativos sobre alguns conteúdos, mas, com a quantidade de aulas e tarefas que precisam realizar, acredito que dificilmente dedicarão mais tempo para assistir a vídeos complementares.

Quanto aos alunos que não estão participando do ambiente digital, embora sejam minoria (no caso da escola onde atuo), ainda são uma incógnita, porque não houve devolutivas das atividades encaminhadas e é difícil prever se participarão do processo até o retorno das aulas presenciais (caso isso ocorra) ou se abandonarão os estudos em decorrência da situação.

Não creio que o retorno às aulas presenciais seja viável enquanto existir a possibilidade de contágio do Coronavírus. Pela experiência de 30 anos de atuação em sala de aula, considero praticamente impossível evitar aglomeração de pessoas e o contato físico entre crianças e adolescentes no espaço escolar.

Acredito que se deva dosar melhor os conteúdos e atividades escolares, seja por meios digitais ou impressos, levando em consideração as diferenças existentes entre o ensino presencial e o ensino a distância, em função da pandemia, mas também do espaço doméstico em um espaço de aprendizagem, mas muito distante das condições ideais.

Gostaria muito que as condições de trabalho docente e as condições de aprendizagem pudessem ser aprimoradas no período pós-pandemia, mas tenho o medo de que isso aconteça. Receio que ainda estejamos muito distantes de um caminho que possibilite uma relação pedagógica saudável e produtiva, com resultados efetivos de aprendizagem. Mas vejo o período de quarentena também como uma oportunidade para repensar a questão educacional frente aos novos desafios da era digital.